



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Manoel e Rosa

No final da década de 1990, soube que o poeta Manoel de Barros estava em Brasília, numa exposição no Congresso Nacional. Peguei um gravador e fui lá para entrevistá-lo. Ele me recebeu de maneira muito cordial, com os olhos faiscantes de menino que aprontou alguma. No entanto, negou a entrevista ao vivo, de maneira delicadamente firme: "Entrevista, só por escrito. E aviso que a resposta pode demorar".

Seis meses depois, quando havia

me esquecido do encontro, recebo uma carta dos Correios com a letra desenhada de Manoel de Barros e as respostas à entrevista. Ao ler as respostas, compreendi, imediatamente, o sentido do que parecia ser mero capricho. Manoel insistiu em conversar por escrito porque queria transformar a entrevista em um acontecimento poético: "Só as coisas pequenas me celetam", escreveu em uma resposta e, logo em seguida, o trecho apareceu em um dos poemas publicados em livro.

Manoel teve um memorável encontro com Guimarães Rosa no Pantanal, evocado na revista brasileira *Bric a Brac*, editada por Luis Turiba e João Borges (sim, aquele mesmo que era

comentarista de economia da Globo-News). Manoel é uma espécie de Guimarães Rosa lúdico da poesia; e Rosa é uma espécie de Manoel de Barros trágico da prosa. Os dois gênios têm muitas afinidades.

De maneira semelhante ao que ocorreu com a minha entrevista, o pantaneiro transformou a conversa com Rosa em um acontecimento poético. "Havia o caramujo perto de uma árvore. Rosa disse: 'Habemos lesma, Manoel'. Eu disse: 'Caramujo é que ajuda árvore crescer'. Ele riu. Relvas cresciam nas palavras e na terra. Rosa escutava as coisas. Escutava o luar".

Em seguida, Rosa teria perguntado: "E como é o homem aqui, Manoel?" E

Manoel replicou nervoso: "O homem se completa com os bichos — eu disse — com os seus marandovás e com as suas águas. Esse ermo cria motucas. Aqui é brejo, boi e Cerrado. E anta que assobia sem barba e sem banheiro". Rosa quis saber também o nome de árvores: "Aqui sabemos é por instinto e por apalpos. Não é como o senhor faz com as palavras".

Mas, no livro *Retrato do artista enquanto coisa*, Manoel transformou o diálogo imaginário em verso de poesia: "Levei Rosa na beira dos pássaros que fica no meio da Ilha Linguística./Rosa gostava muito de frases em que entrassem pássaros./E fez uma na hora:/A tarde está verde no olho das

garças./E completou com Job:/Sabedoria se tira das coisas que não existem./A tarde no olho das garças não existia/mas era a fonte do ser. Era poesia./Era o néctar do ser".

Adiante, Manoel prossegue em narrativa fragmentada: "Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras./Veja a palavra bunda, Manoel/Ela tem um bonito corpo fônico além do propriamente./Apresentei-lhe a palavra gravanha./Por instinto linguístico achou que gravanha/seria um lugar entrançado de espinhos e bem/empenhado de filhos de gravatá por baixo. /E era." Manoel escreveu que se não fosse a poesia todos nós seríamos robôs. E seríamos.

ECONOMIA / Alta da carne bovina e do café pressiona cesta básica no DF, que subiu 33,51% nos últimos meses. Brasilienses dizem ao **Correio** que é preciso mudar hábitos e comprar produtos mais em conta para enfrentar o aumento da inflação

Consumidor busca alternativas

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Ou você reduz o consumo ou troca marcas. Mesmo com as mais baratas, está difícil. Troquei carne vermelha por proteínas mais baratas"

Luisa Pinheiro, empresária

A cesta básica está um absurdo. Mesmo comprando o mínimo, gasta-se R\$ 600 com óleo, arroz, feijão e sem incluir carne"

Vilma Menezes, dona de casa

Às vezes, espero chegar perto do vencimento para comprar barato. Cortei supérfluos, como chocolate, e foquei no arroz e feijão"

Claudia Cruz, educadora física

» MARIANA SARAIVA

O aumento nos preços dos alimentos no Distrito Federal tem alterado os hábitos alimentares das famílias da região. Esse grupo de consumidores da capital nacional passou a adquirir opções mais acessíveis, economicamente falando. Para se ter uma ideia, de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), entre outubro e novembro, o quilo da carne bovina de primeira subiu 11,53% e o do café em pó também disparou: 55,50%. Somente esses dois itens — que eram comuns nos carrinhos de compras de frequentadores dos supermercados candangos mas que passaram a ser deixados de lado — tiveram um impacto médio, juntos, de 33,51%, no período analisado, localmente.

De acordo com o Dieese, que também faz a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, o encarecimento do conjunto dos produtos que os moradores da região tinham em suas refeições passou a ser, no geral, de 4,39% nos dois primeiros meses do último trimestre do ano passado. Por outro lado, mais recentemente, segundo o

Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o custo com bens e serviços subiu 0,26% no DF em janeiro. Essa variação contribuiu para a elevação da inflação, influenciada principalmente pelo aumento nos preços do grupo de alimentação e bebidas, que apresentou um incremento mensal de 1,18%. No segmento de alimentação em domicílio — que se restringe ao preparo das refeições em casa —, o aumento foi ainda maior: 1,26%. Diante de tanto aperto no bolso, moradores de Brasília com quem o **Correio** conversou só tiveram uma opção ao se alimentar: passar a serem criativos.

A recepcionista Giovanna Stephany Dantas Mesquita tem sentido o impacto da inflação no dia a dia. Ela relata que precisou fazer adaptações no cardápio da família para equilibrar as contas no final do mês. "Devido ao aumento dos preços dos alimentos, estamos comprando carne de segunda, que é muito cara. E, quando não consigo, eu dou preferência ao frango e ovos. Apesar de receber o mesmo valor em ticket alimentação todo mês, é evidente que a quantidade de produtos que

conseguimos comprar tem diminuído", avalia.

Giovanna destaca um episódio recente para ilustrar a dificuldade do cenário. "Fui ao mercado, semana passada, para comprar itens básicos, como arroz, café e açúcar. Esses três produtos somaram R\$ 80,00. Acho o valor caro para mercadorias tão básicas e essenciais, que estão ficando cada vez mais caras", lamenta.

Novas estratégias

O porta-voz da Associação de Supermercados de Brasília (Abradef), Givanildo de Aguiar, afirma que a falta de confiança por parte dos consumidores é perceptível. "O ticket médio das compras está diminuindo porque os clientes sentem que o dinheiro não está rendendo como antes. Isso altera o comportamento de consumo, fazendo com que os consumidores ajustem suas estratégias de compra", explica.

Ele também observa uma mudança nos hábitos dos clientes, que têm ido ao mercado mais vezes, mas comprado em menores quantidades. "As pessoas estão fazendo a tradicional pesquisa de preços, tentando equilibrar as contas e chegar

ao fim do mês com a despensa minimamente abastecida", diz.

A empresária Luisa Pinheiro ilustra o que Aguiar diz. Para ela, o impacto no bolso é evidente, especialmente no preço das proteínas animais (carnes e ovos) e do café. "Ou você reduz o consumo, aqui ou ali, ou troca as marcas. Mesmo escolhendo as opções mais baratas, está difícil. Estou substituindo, principalmente a carne vermelha, que aumentou muito, por proteínas mais baratas (como o ovo)", relata.

A educadora física Claudia Cruz concorda com a empresária e compartilha da experiência em ter de buscar substitutos, que encontra em promoções ou sendo paciente. "Meu filho sempre me pede iogurte, e eu digo: 'Vamos esperar entrar em promoção'. Às vezes, também, espero chegar perto da data de vencimento para comprar mais barato. Cortei os supérfluos, como chocolate, e foquei nos itens essenciais, como arroz e feijão. Ainda assim, o gasto com alimentação dobrou no final do mês", desabafa.

Culpados

O economista Cesar Bergo aponta, entre vários motivos, um pelo qual os preços dos alimentos



Aguiar: "As pessoas estão tentando equilibrar as contas"

no Distrito Federal têm sido impactados pela inflação: a baixa produção local. "A área do DF não produz alimentos suficientes para sua população. Temos uma boa produção de hortaliças e legumes, mas a maioria dos produtos, como as frutas, é importada de outras regiões, o que encarece os preços", explica.

Segundo Bergo, os cultos altos da alimentação afetam, especialmente, as camadas mais pobres da população, que não têm meios para se

proteger contra esses aumentos. "Os preços dos alimentos em Brasília seguem a média nacional, e a inflação deve demorar um pouco para se estabilizar, já que a safra de 2024 não foi boa. Contudo, há uma expectativa de melhora com uma boa safra em 2025, o que pode aliviar os preços dos alimentos", projeta.

O economista acrescenta que, no médio e longo prazos, a tendência é de normalização na cadeia de fornecimento e na produção, o que deve levar à redução de alguns valores, especialmente aqueles impactados por questões climáticas e de estrutura produtiva. "A perspectiva é que, a partir do primeiro trimestre, com uma safra melhor, os preços dos alimentos comecem a cair", acredita.

Enquanto aguarda que as previsões de Bergo se confirmem, a dona de casa Vilma Menezes, vai buscando saídas e ajudando seus filhos a garantirem uma alimentação básica. "A cesta básica está um absurdo. Se você tenta ajudar alguém, fica difícil. Mesmo comprando o mínimo, gasta-se ao menos R\$ 600 com óleo, arroz, feijão e sem incluir carne. Outro dia comprei um peito de frango em promoção para ajudar meu filho. A situação está muito complicada para todo mundo", lamenta.

Demolições na Colônia 26 de Setembro avançam

Derrubadas de construções irregulares se seguiram, pelo terceiro dia de operações da Secretaria de Proteção da Ordem Urbanística (DF Legal), na Colônia Agrícola 26 de Setembro, o que provocou protestos de moradores locais. Para tentar impedir o trabalho das máquinas, manifestantes queimaram pneus e bloquearam o acesso aos imóveis que seriam impedidos, mas a ação continuou com o

apoio da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.

As equipes do DF Legal pretendem concluir a tarefa até amanhã. Segundo dados da secretaria, entre 2023 e 2024, medidas semelhantes passaram de cinco para 16.

O presidente da Associação de Moradores da 26 de Setembro, Miguel Rodrigues, criticou a forma como as derrubadas vêm sendo conduzidas. Segundo ele,

embora a comunidade reconheça a necessidade de remoção de edificações irregulares, há um descontentamento generalizado com a inclusão de casas habitadas na operação. "Estamos em um processo muito grande de regularização. Não podemos sofrer esse tipo de coisa. Pais de família estão subindo nos telhados tentando impedir a demolição de suas casas", afirmou indignado.



Eti Alves/CB/D.A. Press